CONHECER PARA RECONHECER

OPINIÃO

VERBETE

Segunda-Feira, 17 de Maio de 2021 20:44:54

VERBETE - TRADUÇÃO

FONTES: Mittelstraß, Jürgen (Hg.). Enzyklopädie Philosophie und Wissenschaftstheorie. Band 3. Stuttgart - Weimar: J. B. Metzler, 2004.

TRADUTOR: Luís Afonso Heck

Semestre de verão de 2016

Para uso em sala de aula – UFRGS – Faculdade de Direito

Anexos: 02

Prof. Dr. Luís Afonso Heck

Semestre de verão 2016

Para uso em aula - UFRGS - Faculdade de Direito

OPINIÃO

Opinião é, na filosofia moderna, juntamente com a fé e o saber, determinada como um ato de esclarecimento da verdade (para o antigo conceito ↗ doxa). À opinião ou ao opinar são atribuídas as qualidades do puro subjetivo, indeterminado e alterável, assim como o ser fortemente influenciado pela percepção sensual. Com isso, a opinião é, perante o saber, um modo deficiente da atividade de conhecimento. Descartes acentua que o mero opinar sempre está unido a um pensar vinculado à ideia e, por conseguinte, não possibilita nenhum conhecimento sobre deus ou a alma (*Discours de la métode*). No modelo graduado do considerar verdade de Kant o opinar está no lugar inferior, uma vez que ele é insuficiente tanto subjetiva como objetivamente. Nisso, ele diferencia-se da fé, cuja pretensão de validez permanece puramente subjetivamente, e do saber, que é um considerar verdade suficiente subjetiva como objetivamente (*KrV*). A opinião pode também ter o status da hipótese da razão quando ela, de fundamentos subjetivos, é suficiente para um considerar verdade. Opiniões somente podem existir em juízos sobre objetos empíricos, não no âmbito do inteligível. Juízos da razão não são, por isso, opiniões, uma vez que a razão reconhece ou a priori ou de modo nenhum. Isso vale do mesmo modo para todos os princípios éticos. Fichte põe a opinião no mundo do alterável, que perante o ser é uma mera aparência ou o puro nada (*Darstellung der Wissenschaftslehre 1801*). O opinar é contraposto ao pensar, caracterizado pela independência do espírito (*Anweisung zum seeligen Leben*). Enquanto para o pensar o ser é um e idêntico consigo mesmo, portanto, também possui somente uma possibilidade, realidade e necessidade, o opinar parte de várias possibilidades e escolhe – motivado pela propensão ao subjetivo – uma dessas possibilidades. Com isso, cada opinião é unilateral e parcial e sua duração está submetida à propensão ao pessoal. Concretamente Fichte determina sua época atual como manifestação histórica de um empenho por opiniões científicas e sua propagação publicista. Fichte comprova esse desenvolvimento com o termo da

república-sábios (*Grundzüge des gegenwärtigen Zeitalters*). Hegel, ao contrário, exclui de antemão o conceito de opinião da história da filosofia, uma vez que a filosofia é ciência objetiva da verdade por um conhecer que entende, não por um opinar. A opinião é também aqui meramente uma ideia subjetiva que se distingue por arbitrariedade e cujo conteúdo não possui universalidade. A opinião não é uma ideia existente em si e para si (*Vorlesungen über der Geschichte der Philosophie*). Segundo Hegel, a opinião não pode compreender a conexão necessária entre a realidade do espírito e sua existência sensual, uma vez que ela considera a existência sensual como mera casualidade (*Phänomenologie*). Em oposição ao saber a opinião dirige-se imediatamente à existência sensual como um particular e individual. Essa imediatidade do opinar é contraposta à certeza sensual, cuja verdade é o geral. Claro fica o opinar na fisionomia ou na paleografia, cujo foco dirige-se imediatamente à existência sensual, à letra ou à forma da cabeça, e sobre esse fundamento formula uma opinião sobre a personalidade de uma pessoa (*Phänomenologie*).

Fonte: Mittelstraß, Jürgen (Hg.). Enzyklopädie Philosophie und Wissenschaftstheorie. Band 3. Stuttgart - Weimar: J. B. Metzler, 2004.

Obs.: pontuação no original.

MARCADORES

Verbetes |